

Dossiê Temático

Pensamento do *Fora*

&

Poéticas de Resistência

FABIO MARIO DA SILVA E

DIRLENVALDER DO NASCIMENTO LOYOLLA
COORDENAÇÃO

A pre sen tação

Presentation

FABIO MARIO DA SILVA¹

DIRLENVALDER DO NASCIMENTO LOYOLLA²

Na *Revue Critique* de junho de 1966, dedicado ao escritor/pensador Maurice Blanchot (1907-2003), Michel Foucault publicava o seu famoso ensaio «La pensée du dehors» («O pensamento do fora»). O número 229 da *Critique* trazia também estudos de outros importantes intelectuais do século xx, tais como René Char, Jean Starobinski, Emmanuel Levinas e Paul de Man, dentre outros. Todos os textos, em linhas gerais, buscavam descrever e contextualizar a transgressão literária blanchotiana; transgressão poética de forma e de sentido que subverte as fronteiras da linguagem comum. Amigo íntimo de Georges

==

¹ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal. CEC, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Bataille e Levinas, Maurice Blanchot influenciou vários pensadores importantes, como o próprio Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy.

Em «O pensamento do fora», portanto, Foucault tentou situar Blanchot numa linhagem da transgressão que inclui nomes como os de Hölderlin, Sade, Nietzsche, Mallarmé, Artaud, Bataille e Klossowski: transgressores e malditos que fugiram da linguagem pela linguagem, escolhendo o indizível como espaço para revelação.

Quando falamos no pensamento do *fora*, dentro dessa perspectiva, estamos nos apropriando especificamente de um termo cuja discussão partiu do âmbito da Filosofia e da Literatura para o das Ciências Sociais; essa noção tem suas origens no pensamento de Maurice Blanchot, bem como seu desenvolvimento nos estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Por *pensamento do fora*, nesse contexto, queremos entender o discurso através do qual manifesta-se uma dimensão de enfrentamento ao Poder instaurado (a Lei, a Norma, o Governo, a Tradição, a Direita, o Discurso da Maioria); vale dizer, citando Deleuze, que o pensamento do *fora* pode ser visto como «um pensamento de resistência» (1991: 96).

Há uma linha do *fora*, nesse sentido, se desenhando em torno de figuras como Nietzsche, Bachelard e Blanchot, por exemplo, posto que tais filósofos romperam com o modelo comum

de escrita da palavra filosófica (segundo os moldes tradicionais da Academia) para estabelecerem um entre-lugar entre a Filosofia e a Poesia:

Para além da conquista laboriosa da sua unidade, a exposição da filosofia à erosão indefinida do fora, leva desta maneira o pensamento a pôr em causa os seus pressupostos e colocar em questão a (im)possibilidade radical do seu incessante recomeço. A aposta do jogo é a sorte de outro jogo [...] é a perversão de um teatro que, à força de má vontade, renova a esperança (desesperada) de encontrar uma saída. (Anghel e Pellejero, 2008: 9)

Do mesmo modo, no campo das artes, uma gama enorme de pessoas buscou empreender um caminho contrário ao pensamento dominante, e tais pessoas terminaram por fundar novas possibilidades para os domínios da expressão artística (*vide* exemplos extremos como James Joyce, Samuel Beckett e Marcel Duchamp). Com efeito, o *pensamento do fora* é irrequieto e questionador, e vive em constante movimento, pois é contrário à permanência: há, desse modo, um pensamento do fora «que segue sem ter direito a um lugar na filosofia, na literatura, nas artes plásticas» (Anghel e Pellejero, 2008: 7); trata-se do pensamento da loucura, da colônia, das minorias.

Neste número da *e-Letras com Vida*, que apresenta o dossiê «Pensamento do *Fora* & Poéticas de Resistência», buscamos abrir espaço para reflexões que exploram as ou-

sadias estéticas, os entre-lugares e os gritos poéticos que ecoam das margens; reunimos aqui oito artigos que lidam, cada um a seu modo, com a noção do *fora* em seu sentido poético de resistência.

É justamente evocando a figura excêntrica do Marquês de Sade que Edson Santos Silva e Wallas Jefferson de Lima brindam-nos com o trabalho «Peripécias na alcova de Sade: A mulher em *La Philosophie dans le boudoir*». Em seu estudo, lançando mão de pensadores não menos «do fora» como Georges Bataille, os autores buscam analisar a maneira através da qual as personagens femininas aparecem no livro *La Philosophie dans le boudoir (A Filosofia na alcova)*, de Sade.

A temática da ambição colonialista *versus* o anúncio evangélico é o ponto de partida para o ensaio de António Manuel de Andrade Moniz acerca da tragédia *Les portugais infortunés*, de Nicolas-Chrétien Des Croix, publicada no início do século XVII.

A temática do feminino, por sua vez, permeia os estudos «Avatares do feminino em Maria Ondina Braga», de Maria Araújo da Silva; «O cerco rompido (leitura de *O círculo*, de Alina Paim)», de Maria Lúcia Dal Farra; «*Três mulheres com máscara de ferro*, de Agustina Bessa-Luís: Feminismo e subversão», de Alda Maria Lentina; e «Versos de orgulho de uma mulher indecorosa: Dor e redenção em Florbela Espanca», de Jonas Leite. Exemplo de ousadia in-

telectual e coragem, as mulheres escritoras investigadas nesses quatro artigos representam aquelas que ousaram desafiar os códigos de uma sociedade hipócrita e repressora.

«*Vade retro Fanchono, ave Panelheiro!*», de Fernando Curopos e «Revisitar a *Gaia scienza*, de Mario Mieli», de António Fernando Cascais, por sua vez, são dois artigos que trazem à baila discussões pontuais sobre a temática *queer* e sua relação com a história; mais: são textos que buscam desvelar as nuances linguísticas (de poder) na construção do universo político e dos sentidos do pornográfico.

Ao chamarmos a atenção para o pensamento do *fora* e para as poéticas de resistência, esperamos incitar a reflexão sobre os limites da palavra literária e sobre os poderes da linguagem na constante reorganização do mundo e dos valores. Infelizmente, o mesmo mundo que aceita transgressões de cem em cem anos também recrudescer sua verve reacionária, fascista e autoritária em períodos menores que lustros. Daí a necessidade de crítica e observação; por isso a nossa escolha pela vigilância constante e pela abertura dialógica; daí, afinal, a nossa escolha pela literatura.

Uma boa leitura a todos!

Bibliografia

Anghel, G. e Pellejero, E. (2008). A abóbora que se tornou cosmos: a exposição do pensamento do fora da filosofia. Em: G. Anghel e E. Pellejero (orgs.). «Fora» *da filosofia. As formas de um conceito em Sartre, Blanchot, Foucault e Deleuze*. POCTI/Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa. **1.º vol.**;

Deleuze, G. (1991). *Foucault*. Brasiliense. São Paulo.